

Ulysses quer antecipar decisão sobre regimento

Centrão" usa mesma tática das esquerdas



O presidente da Assembleia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, decidiu ontem após reunir-se com o relator da Comissão

de Sistematização, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM) convocar a Mesa da Constituinte o mais rápido possível, para decidir o que deve ser acolhido do projeto de resolução do "Centrão", que visa alterar o Regimento Interno da Casa.

As articulações continuavam ontem a todo vapor no Congresso Nacional e prosseguiram na noite de ontem em reunião na casa de Ulysses, com os líderes do grupo, entre eles, o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) e Daso Coimbra (PMDB-RJ). O impasse deverá ser superado, garantia ontem o líder do PFL, deputado José Lourenço (BA), e um caminho será encontrado para solucionar toda a crise.

Menos otimista, Daso Coimbra é de opinião que Ulysses Guimarães não está dando a devida importância ao "Centrão". Em vez de convocar os membros do grupo para conversar, preferiu comunicar à imprensa que o entendimento devia sair através de um meio termo das reivindicações do "Centrão".

O deputado Ricardo Fiúza assegurou que o "Centrão" não aceita de forma alguma abrir mão de dois pontos: que o substitutivo seja aprovado ressalvados os destaques e ainda daqueles artigos os quais se referem os principais destaques. Segundo Fiúza, o "Centrão" não vai dar 280 votos às matérias com as quais não concorda, pois caberá exclusivamente ao grupo ônus de aprovar os destaques.

Fiúza, adverte, todavia sobre a unidade do grupo, já que qualquer decisão a ser tomada todos os integrantes do "Centrão" serão ouvidos. Mesmo assim, alguns parlamentares do grupo discordam da decisão do grupo de se manter irreduzível a não aceitar a proposta de Ulysses, de que sejam apresentadas emendas, apenas às seções do substitutivo, ao invés dos capítulos e títulos inteiros.

Essa unidade aparente pregada pelo grupo é pressentida pelo líder do PCB, deputado Roberto Freire (PE), ao garantir que eles se dissolverão à primeira divergência mais grave que tiverem que enfrentar.



Ulysses (na foto ao lado de Cabral) quer reunião da Mesa logo

Emenda permite eleição de governador no cargo

Praticamente em clima sucessório, apesar dos esforços do Governo para preservar o mandato de cinco anos do presidente José Sarney, o plenário da Assembleia Constituinte receberá, nos próximos dias, proposta de emenda ao projeto de Constituição, permitindo que os governadores concorram às eleições presidenciais sem se afastarem de seus cargos.

Essa emenda é de autoria do deputado constituinte do PMDB da Bahia, Uldurico Pinto, que assegura que sua iniciativa não foi inspirada por nenhum governador.

De qualquer forma, a idéia de Uldurico veio colocar em foco as candidaturas dos governadores peemedebistas, notadamente as dos chefes do Executivo de São Paulo, Orestes Quercia, e da Bahia, Waldir Pires, ambos com boa cotação na bancada do PMDB na Assembleia.

A propósito da disputa sucessória no PMDB, o deputado Manoel Moreira, de São Paulo, diz que o governador Quercia é candidato à sucessão presidencial, mas espera que esse pleito ocorra apenas em 1989. Só nesse ano, portanto, Quercia deverá afastar-se do governo paulista.

Os quercistas de São Paulo não acreditam que Quercia deixe o governo do Estado, pouco mais de um ano após de assumir aquele cargo e troque o certo pelo duvidoso. Essa, no entanto, não é a opinião dos peemedebistas em geral, que recordam o episódio do ex-governador Tancredo Neves, de Minas. Um ano e poucos meses após ser eleito governador, pelo voto direto, Tancredo não hesitou em deixar o governo estadual, a fim de disputar a eleição indireta de presidente da República.

Se se confirmar a sucessão presidencial em 88, na hipótese improvável de Quercia não querer disputá-la, o PMDB paulista deverá apoiar a candidatura do atual líder do partido na Constituinte, senador Mário Covas. Segundo os peemedebistas, porém, dificilmente Quercia esperará que se repita em 89 as chances que tem agora.

Avaliações

Para o deputado Miro Teixeira, do PMDB do Rio, uma vez que Quercia pensa em candidatar-se apenas em 89, a candidatura natural do partido, em 88, é a do senador Covas.

Nesse pleito, Covas provavelmente enfrentará, no primeiro turno, as candidaturas Antônio Ermírio de Moraes (PTB), Aureliano Chaves (PFL), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT) e Alvaro Vale (PL), entre outras. A seu ver, no segundo escrutínio o pleito se reduzirá ao confronto Covas-Brizola, com ampla vantagem para o primeiro.

Já o deputado Humberto Souto (PFL-MG) entende que o pleito, no caso de se apresentarem candidatos os nomes acima citados, favorecerá o ministro Aureliano Chaves, que se defrontará, no segundo turno, com o ex-governador Brizola.

A margem de tais especulações, que ontem constituíram assuntos preferidos da Constituinte, a Assembleia também estranhava o envolvimento pessoal do presidente da República, na defesa do mandato de cinco anos. O deputado Antônio Mariz, do PMDB da Paraíba, concorda que ao exigir da Constituinte o mandato de cinco anos para Sarney, o Executivo contribuiu para impopularizar a Assembleia.

O grupo "Moderado", que explica as sucessivas vitórias dos "progressistas" na Sistematização pela presença maciça, disciplina e eficiente organização das esquerdas, decidiu, ao articular o "Centrão", criar uma estrutura que assegure a união e o ordenamento de seus constituintes em plenário. Os planos do "Centrão" já estão prontos e minuciosamente detalhados, incluindo até mesmo a instalação de "QG" na 4ª Secretaria da Câmara dos Deputados.

O primeiro trabalho do grupo, logo após o recolhimento das assinaturas que garantiram a maioria para a mudança do Regimento Interno da Constituinte, foi o de estabelecer comissões de atividades específicas. O "Centrão" designou um constituinte para cada tema, seguindo os mesmos critérios adotados nas subcomissões temáticas. Caberá a estes coordenadores temáticos a responsabilidade de "enxugar" o projeto aprovado pela Sistematização e detectar os pontos essenciais a serem mudados. No título IV, que trata do sistema de Governo, o grupo decidiu pela indicação de dois coordenadores — um presidencialista e outro parlamentarista. Os constituintes que ocuparão estes lugares ainda não foram escolhidos. A coordenação geral ficou ao encargo do deputado José Lins (PFL-CE).

José Lins informou que já recebeu cerca de 300 sugestões de emendas dos integrantes do "Centrão", só para o primeiro e segundo títulos. Ele inicia agora, junto a um grupo reduzido, o trabalho de identificar as coincidências entre as emendas, para que possa reduzi-las para, no máximo, 40 novas sugestões, com o cuidado de se aferir maioria de 280 em cada uma destas emendas. Segundo Lins, o grupo vai apressar emendas por títulos, capítulos e seções e apresentá-las de acordo com a definição da Mesa da Assembleia Constituinte. Se a Mesa permitir emendas em bloco, o "Centrão" já as terá prontas para serem colocadas em votação.

Voluntários

O "Centrão" estabeleceu ainda que 30 constituintes voluntários vão agir como "secretários-coordenadores". A principal função deles é a de servir como elo de ligação entre os grupos temáticos, os coordenadores de plenário e os constituintes de apoio logístico. Fazem parte desse grupo voluntários constituintes como Francisco Bonifácio Andrada (PDS-MG), Ricardo Izar (PFL-SP) e Michel Temer (PMDB-SP).

Oito constituintes compõem a coordenação de apoio logístico — Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), Ricardo Fiúza (PFL-PE), Irapuan Costa Júnior (PMDB-GO), Expedito Machado (PMDB-CE), Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), Afif Domingos (PL-SP), Daso Coimbra (PMDB-MG). Este grupo restrito, que é o coração do "Centrão", tem ainda a função de traçar as estratégias de ação em plenário.

Agindo como coordenadores de plenário serão escalados pelo menos outros 20 parlamentares, que se responsabilizarão por pequenos grupos, de no máximo 11 constituintes, durante as votações. Num primeiro levantamento nominal, com 10 indicações, estão definidos para esta função dos líderes do Governo, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA); do PFL, José Lourenço (BA) e do PDS, Amaral Netto (RJ), além do presidente nacional do PFL, senador Marco Maciel (PE).

Assessoria

Para garantir a eficiência da organização, o "Centrão" conta ainda com uma assessoria legislativa, coordenada por Francisco Sampaio. Ele ficou responsável por todo o trabalho de secretaria, no preparo dos anteprojetos, requerimentos, ofícios, questão de ordem e pela publicação e distribuição da ordem do dia.

A assessoria parlamentar foi ocupada por Fábio Sabóia, assessor direto do presidente da UDR, Ronaldo Caiado. Sabóia acredita na reversão da maioria dos temas que foram votados na Sistematização e que desagradam à livre iniciativa. Ele confidenciou ao deputado Ricardo Fiúza que já tem um levantamento que garante maioria para mudança da estabilidade, imprestabilidade e até mesmo o pagamento em dobro das horas extras trabalhadas.

O "Centrão" tem ainda um departamento de apoio jurídico, cujos titulares são Gastão e Fernando Vergueiro. A eles cabem a classificação preliminar das emendas e destaques que serão submetidos aos coordenadores temáticos.

Caminhos do Rio

Augusto Nunes

O ex-governador Leonel Brizola comunicou à nação, há poucos dias, que não mais admitirá carregar nos ombros um fardo que persegue desde quando tinha mais cabelos e, acreditem, menos juízo. "Desta vez não vou aceitar que digam que eu sou a crise", avisou Brizola. É possível que o ex-governador do Rio se tenha animado com a possibilidade de ver rebatizado com outro antropônimo o conjunto das aflições brasileiras. Para o senador Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, a crise se chama José Sarney. (Os americanos gostam de dar nomes, geralmente femininos, aos furacões que assolam seu país: Vera, Claudete, Vivian. Nossos políticos parecem resolvidos a batizar a crise com nomes masculinos. Por que não Leonel ou José?)

Sejamos justos: tanto Brizola quanto Sarney têm atazanado aplicadamente nossas vidas, mas é um evidente exagero creditar-lhes a exclusiva responsabilidade pelos sobressaltos nacionais. Embora contribuam para aguçá-la, eles não são a crise — e essa constatação nem chega a ter maior importância. Mas tampouco são a solução para a crise — e essa constatação é relevante. De Sarney estaremos logo livres, como prometem as tendências da Constituinte e a visível exaustão popular. Resta saber se, depois da tempestade neo-republicana, teremos de haver-nos com o dilúvio brizolista.

Será preciso enfrentar esse risco com a tolerância dos genuínos democratas: Brizola tem todo o direito de cobçar a Presidência da República e disputar o cargo em eleições limpas e livres. Invocar o fantasma brizolista para tentar adiar a escolha direta do presidente é conversa de golpistas que, se lhes faltasse um Brizola, logo encontrariam, por exemplo, um Lula. Será preciso, portanto, vencê-lo nas urnas. A claque do PDT procura difundir, aliás com alguma competência, a versão de que o chefe é invencível eleitoralmente. Não é, como provou há exatamente um ano o governador Wellington Moreira Franco.

Em novembro de 1986, ao surrar impiedosamente nas

urnas o professor Darcy Ribeiro, na verdade um pseudônimo do dono do PDT, Moreira Franco confirmou a suspeita de que, em pleitos majoritários, o brizolismo não consegue ir além de um terço dos votos — maldição tanto mais terrível quando se recorda que as eleições agora serão feitas em dois turnos. Foi um cruzado no queixo da lenda, mas ainda assim insuficiente para nocauteá-la. O golpe definitivo pode estar sendo desenhado neste momento pelos projetos administrativos de Moreira Franco. Se conseguir consumá-los, o atual governador poderá oferecer um contraponto demolidor para a desastrosa gestão brizolista sofrida pelo Rio de Janeiro.

No plano político, Moreira Franco tem agido com silenciosa competência. Acertou-se com o prefeito Saturnino Braga, entendeu-se com a Assembleia Legislativa e com a bancada federal, soube remover com cirurgias imediatas os pequenos tumores diagnosticados no secretariado, azeitou os canais que levam ao Palácio do Planalto e, sem escorregar em cumplicidades desgastantes, tem dialogado fluentemente com o presidente José Sarney. Graças a essa limpeza de terreno, o governador parece preparado para modernizar um estado cortado ainda por estradas de terra, forçado a importar alimentos, parco de indústrias, manchado por bolsões miseráveis, tristemente empobrecido. Isso sem contar a devastação imposta nos últimos anos à indefesa cidade do Rio de Janeiro.

Moreira Franco aposta na suspeita de que os brasileiros, cansados de retórica, querem políticos também equipados para administrar com eficácia. Naturalmente, os destinos do Rio estão indissolivelmente ligados aos do país, mas sempre se poderá tornar o estado cada vez mais parecido com São Paulo e menos parecido com o Nordeste subdesenvolvido. Tanto como político quanto como administrador, Leonel Brizola é irremediavelmente antigo. Moreira Franco tem boas chances de mostrar que é possível ser moderno mesmo neste nosso tristíssimo Brasil.

Augusto Nunes é diretor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo.

Transcrição do Jornal do Brasil de 08/11/87.